

AS QUALIDADES DO INFERNO: ETERNIDADE E DIVERSIDADE

Deus que é Amor e quer a nossa salvação, por isso, alerta-nos sobre o perigo da condenação eterna: «*Felizes os mortos que morreram em união com o Senhor*» (Ap 14,33); «*O vencedor receberá estas coisas como herança: Eu serei o seu Deus e ele será meu filho; quanto aos covardes, os infiéis, os depravados, os assassinos, os impúdicos, os feiticeiros, os idólatras e todos os mentirosos terão como herança o lago ardente de fogo e enxofre, o qual é a segunda morte*» (Ap 21, 7-8).

Muitas pessoas estão vivas fisicamente, mas mortas espiritualmente. A vida nova no Espírito Santo não é automática, é comunhão com Deus e depende da nossa livre adesão. Quando pecamos, estamos a quebrar a nossa ligação com Deus. A parábola da videira (Jo 15, 1-10) afirma que aquele que não estiver ligado a Deus será queimado, condenado.

Não podemos estar unidos a Deus se não escolhermos livremente amá-Lo. Mas não podemos amar a Deus se não amarmos o próximo: «*quem não ama permanece na morte. Todo aquele que tem ódio a seu irmão é um homicida; e vós bem sabeis que nenhum homicida mantém dentro de si a vida eterna*» (1Jo 3, 15).

Nosso Senhor adverte-nos que seremos separados d'Ele se não amarmos os outros, particularmente os mais pobres... Morrer em pecado mortal sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus, significa permanecer separado d'Ele para sempre, por nossa própria livre escolha. Este estado de autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados é designado pela palavra «Inferno».¹

Com o pecado mortal, os homens cortam com Deus, já não Lhes pertencem, já não fazem parte do Seu Reino: entram no reino de Satanás. De fato, São João escreveu: «*Quem comete pecado é do diabo, porque o diabo é pecador desde o princípio*» (1Jo 3,8).

A Sagrada Escritura ensina que o Inferno é eterno, tal como salvação é eterna. A perdição eterna é o Inferno; a salvação eterna é o Céu, cabe a nós escolher: «*Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um deles e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro*» (Mt 6,24). Com outras palavras: não podemos amar a Deus a ao demónio.

Jesus, para falar do Inferno, usa a expressão da «*gehena onde o fogo que não se apaga*» (Mt 5,22.29; 13,42-50; Mc 9,43-48) reservada aos que

¹ Cf. Catecismo da Igreja Católica (CIC), 1033

recusam, até ao fim da vida, acreditar e converter-se, e na qual podem perder, ao mesmo tempo, a alma e o corpo (Mt 10,28). Jesus anuncia, em termos muitos severos, que *«os seus anjos, que não-de tirar do seu Reino todos os escandalosos e todos quantos praticam a iniquidade, e lançá-los na fornalha ardente; ali haverá choro e ranger de dentes»* (Mt 13, 41-42), e sobre eles pronunciará a sentença: *«afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno»* (Mt 25, 4).²

A doutrina da Igreja afirma a existência do Inferno e, ao mesmo tempo, a sua eternidade. Lá não estão apenas os demónios, estão também os seres humanos que morreram em estado de pecado mortal. A principal pena do Inferno consiste na separação eterna de Deus; Ele é o único e sumo bem em Quem o homem pode encontrar a felicidade e para que foi criado e a que aspira.³

Não gostamos de ouvir falar do Inferno, mas não podemos ignorar que esta terrível realidade existe e tem o caráter de eternidade: *«O fumo dos seus tormentos subirá pelos séculos dos séculos»* (Ap 14,11a). A expressão duplicada *«pelos séculos dos séculos»* sublinha a dimensão da eternidade.

A existência do Inferno eterno constitui um forte apelo ao sentido de responsabilidade com que o homem deve usar a sua liberdade, tendo em vista o destino eterno. É um apelo urgente à conversão: *«Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram!»* (Mt 7,13-14).

A eternidade do Inferno é consequência do caráter radical da oposição dos danados contra Deus, uma escolha que podemos definir *tola e irrevogável*. É o que aconteceu aos anjos rebeldes que se opuseram a Deus e se tornaram demónios. Foi uma escolha irrevogável, sem possibilidade de arrependimento. A mesma coisa pode acontecer aos seres humanos: com a morte perdem a possibilidade de arrependimento. Deus não recusa o perdão a quem se arrepende, mas não pode perdoar a quem não se arrepende, a quem por livre escolha O rejeita. A danação é eterna não por falta de misericórdia da parte de Deus, mas pela escolha irrevogável daqueles que *«não aceitaram o amor da verdade para serem salvos»* (2Ts 2,10).

A eternidade do inferno perturba (e muito) a mente humana, mas não podemos pensar que é Deus é mau e que inflige uma condenação eterna. A danação eterna não acontece não por falta de misericórdia da parte de Deus, mas sim, por uma escolha pessoal, livre e determinada da parte do homem.

² Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1034

³ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1033

O homem que recusa Deus, autocondena-se. A sua escolha podia ser alterada durante a vida terrena, mas, depois da morte, torna-se imutável, irreversível. Durante a vida terrena era uma escolha mudável, depois da morte, torna-se irreversível, tanto que acarreta a eternidade do inferno.

Deus concede a todos a graça da salvação, mas os homens podem rejeitá-la. Existe uma íntima relação entre liberdade e graça: por um lado, o homem pode acolher livremente o dom da graça e salvar-se; mas pode rejeitá-la consciente e responsabilmente e, assim, autocondenar-se. Durante a vida terrena ele podia mudar de direção, mas, depois morte já não pode mudar: a sua escolha torna-se irreversível. Por isso, Deus, mesmo querendo a salvação de todos homens, não pode obrigar ninguém a aceitar a sua graça; tem que respeitar a liberdade humana.

A eternidade do inferno «adquire» um justo equilíbrio entre o desejo de Deus, que «quer que todos os homens se salvem», e a liberdade humana que pode rejeitar Deus, a tal ponto de «selar» para sempre a sua escolha.

No nosso contexto cultural, a eternidade do inferno é um assunto extremamente difícil de encarar, uma pedra de tropeço: como é que podemos conciliar a misericórdia de Deus com a danação eterna? Como conciliar a liberdade humana, de criaturas limitadas, que tem a capacidade de uma decisão tão irreversível, tão absoluta e tão dramática? Não é fácil para a inteligência humana encarar a questão da eternidade do inferno. Por isso é que a existência do Inferno gera duas atitudes contrastantes: por um lado, o Inferno é banido da catequese, como sendo uma verdade «obscura»; e por outro lado, é um assunto que arrisca ser tratado com superficialidade, sem o colocar no quadro da fé, da vontade salvadora de Deus e da redenção operada por Cristo Jesus (Kasper, Misericórdia, Queriniana, Brescia, p. 151)

O que devemos ter em conta é o seguinte: a salvação eterna não é algo de automático que é dada ao homem sem condições; é um dom de Deus oferecido à liberdade humana, um dom que deve ser acolhido com gratidão e «cultivado» ao longo de toda a vida terrena. O homem, infelizmente, pode recusar este dom ou simplesmente ignorá-lo, atitudes que podem tornar-se irreversível ao momento da morte. Uma culpa que podia ser perdoada ao longo da vida terrena, torna-se irremissível ao momento da morte e, como diz a Escritura: «*serão castigados com a perdição eterna, longe da face do Senhor*» (2Ts 1,10).

Quanto à diversidade das penas do Inferno, Santa Faustina, na sua experiência mística, estava plenamente consciente de que «cada alma é atormentada de uma forma tremenda e indescritível no sentido com o qual pecou, [portanto] saiba o pecador que com o sentido com que o peca será torturado para toda a eternidade». (Diário 731)

Isto faz-nos perceber que as penas do Infernos são diferentes por cada condenado; dependem da gravidade e do grau consciente da sua culpa. No inferno, o homem revê e revive, num certo sentido, através dos sofrimentos infernais, a sua história do pecado.

A diversidade dos tormentos do condenado depende da gravidade dos pecados cometidos durante a vida terrena; de facto, o homem pode pecar em diferentes graus de responsabilidade e de gravidade: quanto maior for a responsabilidade e a intenção em fazer conscientemente o mal, maior será o seu sofrimento, em caso de condenação eterna: *«Não tenham ilusões: Deus não se deixa enganar. Cada um colherá o que semeou»* (Gal 6,7).

Artigo elaborado por Padre Leone Orlando cs